



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

### PROFESSORAS ARTISTAS: A ESCUTA DE MULHERES EDUCADORAS

Diane Boda<sup>1</sup> - Universidade de São Paulo

#### Resumo:

O artigo busca refletir sobre a possibilidade de construir uma pesquisa a partir da busca por uma epistemologia da escuta, entendendo que o ato de escutar pode ser executado pelo corpo todo e não está vinculado unicamente a palavra falada. Busca-se, assim, formas de escutar as memórias e experiências que formaram mulheres como educadoras de teatro, obedecendo as formas que as mesmas decidem narrar a si mesmas. Memórias e tempo são encaminhados aqui por Lélia Gonzales e Leda Maria Martins, como “restituição de uma história que não foi escrita” (GONZALES, 2019, 226) e que são rememoradas pelo corpo de quem as cotam, bem como da pesquisadora que as escuta. As maneiras de realizar a escuta orientam os passos dessa pesquisa, sendo uma metodologia em andamento conforme a pesquisa acontece, em um constante jogo entre experiência e teoria, exatamente nesta ordem. Oito mulheres foram convidadas a participar deste processo por meio de uma carta na qual foram colocadas questões sobre suas trajetórias como educadoras de teatro e cada qual decidiu o como gostaria responder. A partir de encontros presenciais, online, trocas e áudios ou continuidade das correspondências o trabalho se concluiu com a recriação de sete trocas e uma troca de áudios por *whatsapp*, esta última recriada a partir do encontro com Tânia Granussi, artista e educadora PCD visual. Dessa forma, caminhamos com Martins, Davis, Oyewùmí e outras para realizar essa escuta e escrita. Sugestão.

**Palavras-chave:** Mulheres. Educação. Teatro. Escuta. Narrativas. Memórias: sugestão.

#### Abstract:

The article seeks to reflect on the possibility of building a research from the search for an epistemology of listening, understanding that the act of listening can be performed by the whole body and is not linked solely to the spoken word. Thus, ways of listening to the memories and experiences that formed women as theater educators are sought, obeying the ways that they decide to narrate themselves. The ways of carrying out listening guide the steps of this research, being a methodology in progress as the research takes place, in a constant game between experience and theory, exactly in that order. Eight women were invited to participate in this process through a letter in which questions were asked about their trajectories as theater educators and each one decided how they would like to respond. From face-to-face, online meetings, exchanges and audios or continuity of correspondence, the work ended with the recreation of seven exchanges and an exchange of audios via *whatsapp*, recreated from the meeting with Tânia Granussi, visual artist and PCD educator.

**Keywords:** Woman. Education. Theater. Listening. Narratives.

---

<sup>1</sup> Educadora, atriz e assessora pedagógica atuando principalmente nas áreas de articulação de projetos sociais e culturais e educação de jovens. Mestranda no Programa de Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

### 1. Introdução ou Abrindo o envelope

São Paulo, 16 de março de 2023.

Querida leitora,

Eu não sei em que ano você nasceu, não sei sua idade, se fazemos parte da mesma geração, mas gostaria que pensássemos juntas em uma caixa guardada em algum armário, guarda-roupa, embaixo da cama... Esses lugares que reservamos para armazenar aquilo que não precisamos mexer com frequência, é ali que mora o que me interessa para essa pesquisa acontecer.

No meu caso essa caixa guarda cartões, bilhetes, pequenos objetos e cartas trocadas desde muito nova, uma prática comum para esse período antes dos celulares, internet, toda essa facilidade que ganhamos que nos fornece novas dinâmicas sobre estarmos juntas.

Eu abro essa caixa quando quero rememorar afetos, me conectar com uma Diane que já fui, lembrar das pessoas que passaram e de como me relacionava com as que permanecem. Tem amigadas que, ao abrir essa caixa, me dão a dimensão das décadas que tenho atravessado, conseguem me capturar durante alguns minutos de leitura ao tempo em que eu não tinha telefone e os amores eram sussurrados em letras miúdas e redondas, as cartas são peças de um quebra cabeça que me ajudam a construir diversas narrativas sobre quem sou, são apoios da minha memória, objetos-memórias de um “tempo espiralar” (MARTINS, 2021).

Aqui compartilho com você bilhetes de uma pesquisa que se propôs a buscar uma epistemologia da escuta e teve na linguagem das cartas a expressão escrita das memórias que ouviu, mas não só.

Meu desafio, nestas páginas, será tentar contar para vocês a única parte da pesquisa que não se propôs escrita, as trocas com a educadora e artista Tânia Granussi, uma mulher PCD visual com a qual a expressão criativa das nossas conversas foi transformada por mim em trocas de áudios por *whatsapp*.



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

### 2. Um bilhete deixado na escrivania

Desde o começo desta pesquisa me preocupei com as memórias e narrativas de mulheres educadoras, especificamente no modo em que suas experiências enquanto mulheres interferem e compõe o como narram sua trajetória de tornarem-se educadoras de teatro. Interessava compreender os contextos de formação, as práticas assimiladas, referências que carregam e como o corpo atravessava seus fazeres, tanto quanto o como decidem contar, desde a escrita, até a oralidade. Por isso me comprometi com uma escuta de experiências que buscava não interferir na forma com que elas escolhiam narrar suas trajetórias.

As pessoas que escutei são mulheres que reivindicam os pronomes femininos de tratamento e trazem a necessidade de enxergarmos essa categoria de uma maneira mais fluida, algumas delas empregando majoritariamente o termo “mulheridade<sup>2</sup> (AGALENÉA, 2022, informação pessoal)”.

Cheguei a cada uma delas pelas trajetórias que possuem como educadoras de teatro e que de alguma forma tomei conhecimento, em geral por termos compartilhados os mesmos espaços de trabalho. Mulheres que não necessariamente se conhecem, mas que identifico como parte de dois grupos: as que compartilhei o Programa Vocacional como espaço de trabalho e/ou formação e as que passaram pela Fundação CASA como educadoras. Além de uma pesquisa com outras mulheres, estive eu também como integrante, mulher educadora que dialoga, retoma suas memórias a partir das que escuta e propõe experimentações de como contar-nos todas.

Parti para essa caminhada com a filósofa e historiadora Margareth Rago em *A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade* (RAGO, 2013), motivada por seu processo de escuta de outras mulheres e escrita que também passa por suas memórias, porém a busca por uma metodologia da escuta me encaminhou para a História Oral Andina da socióloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui, pela decolonialidade

---

<sup>2</sup> O termo “mulheridade” possui ampla discussão principalmente no campo das artes, escutei essencialmente nas palavras da cantora Linn da Quebrada e posteriormente localizei como uma possibilidade de tradução para o termo “wamanliness” usado pela psicanalista britânica Joan Riviere, mais comumente traduzido como “feminilidades”. Porém, nesta pesquisa optei por manter como referência no assunto as mulheres com quem a pesquisa aconteceu, principalmente Helena Agalenéa.



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

manifesta no método, ao equiparar entrevistadora e entrevistada, colocar os conhecimentos como saberes compartilhados, sem sobreposições, ausente de hierarquias, a dissolução da linha que dividiria esses dois lados de uma pesquisa (CUSICANQUI, 2012).

Encontrei ainda a escritora e artista Grada Kilomba e as pesquisas centradas em sujeitos descrita no livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (KILOMBA, 2019) com quem aprendi a necessidade de deixar com que as entrevistas aconteçam de maneira livre e respeitando a entrevistada, principalmente por estar escutando pessoas que possuem trajetórias e falas já tão interrompidas. Para a recriação desses materiais contei com as provocações de outras escritoras como as oralituras de Leda Maria Martins e escrituras de Conceição Evaristo.

O processo teve início com o envio de cartas para mulheres educadoras, as vezes pelos correios e outras de maneira *online*, como por *instagram*, *whatsapp* ou *e-mail*. A partir de como a resposta acontecia, construímos os próximos passos, como a continuidade de troca de cartas escritas ou um encontro presencial para escuta com apenas algumas questões estruturadas, mas buscando preservar ao máximo o fluxo da memória e escolhas das mulheres sobre a forma como desejam narrar suas experiências.

Dos encontros presenciais, a escuta e transcrição abriu espaço para a criação de formas de trazer para a escrita o encontro, buscando preservar a oralidade, e assim o resultado foi ficcionar uma troca de cartas entre mim e cada uma com qual a conversa aconteceu. Porém, para outras mulheres não vislumbrei o mesmo processo.

Com Tânia Granussi, artista e educadora PCD visual, a troca de cartas escritas não faria sentido, pois não dialogava com sua forma de se expressar e como até então a nossa forma de se relacionar acontecia.

Segui, então, tentando compreender o como construir uma pesquisa onde a escrita e a oralidade possam coexistir como resultado vivo da escuta, para a recriação de experiências e memórias de mulheres na educação de teatro, respeitando as suas e as minhas formas de narrar.

### 3. Um bilhete deixado na geladeira

Em 2021 estive como articuladora no Programa Vocacional, uma política pública da cidade de São Paulo voltada para experimentação artística para pessoas acima de 13 anos,



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

até então nas linguagens de teatro, dança, música, literatura e artes visuais. Minha função nesta edição do Programa era a de articular a relação da política pública, artistas orientadoras e equipamentos culturais da região oeste da cidade, e que passava pelo acompanhamento das atividades e provocações pedagógicas, e foi aí que conheci Tânia Granussi.

Naquele ano acompanhei suas orientações artísticas na linguagem de teatro online, que aconteciam com participantes de todo Brasil, e presencialmente Tânia realizou um trabalho na região da Luz, conhecida como Cracolândia, onde ela desenvolveu uma pesquisa com o Coletivo Tem Sentimento que até então tinham como foco a geração de renda por meio da costura e era majoritariamente integrado por mulheres trans da região.

Após o processo com a Tânia, o Coletivo também descobriu sua vocação artística e passou a integrar atividades culturais e reavivar o desejo de algumas mulheres que já haviam passado pelo teatro e dança.

Ao longo do Programa Tânia também adicionou às suas práticas pedagógicas a percepção da função de seu próprio corpo, como mulher trans e PCD visual, saindo do que ela mesma chamou de um lugar de “sombras” para uma ação por vezes ativista.

#### **4. Um bilhete no espelho do banheiro**

Eu sou Diane Boda, uma mulher cisgênera, heterossexual, magra, negra de pele clara, não PCD e essa apresentação me acompanha e é ressignificada não só pelo que vejo ao olhar no espelho, ela se modifica no contato com outras de nós, nas necessidades que construímos de incluir o que há de específico em ser quem sou para explicar as trajetórias que realizo.

Todos esses marcadores que apresentei sobre mim tem como base o como as oito mulheres que ouvi se apresentaram, foi a partir delas que olhei para quem sou e também este foi o caminho para que entendesse quais eram os aportes teóricos que precisaria percorrer nessa pesquisa.

Assim, no diálogo com elas, a questão da categoria mulher apareceu e fui atrás de caminhar com outras mulheres que construíram teorias sobre essa questão e desenhar o que especificamente esta pesquisa teria que dar conta em relação ao que é ser mulher.

O processo é binário, dicotômico e hierárquico. Kimberlé Crenshaw, eu e outras mulheres de cor feministas argumentamos que as categorias são entendidas como homogêneas e que elas selecionam um dominante, em seu grupo, como norma;



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

dessa maneira, “mulher” seleciona como norma as fêmeas burguesas brancas heterossexuais, “homem” seleciona os machos burgueses brancos heterossexuais (...) (LUGONES, 2020, p. 60)

É possível pensar na categoria mulher como uma construção e que, portanto, nos une em torno de algo específico dentro das hierarquias de gênero, visto que conforme coloca a pesquisadora Oyèrónké Oyewùmí “(...) o gênero é concebido, antes de mais nada, como uma categoria biológica dicotômica que é então usada como base para a construção de hierarquias sociais (OYEWÙMÍ, 2021, p.129).

A pesquisadora nigeriana citada alerta para a necessidade de compreendermos que as palavras que usamos já trazem consigo os significados de suas construções e que, portanto, ao falarmos “mulher” estamos trazendo uma categorial ocidental colonial de gênero, impregnada pelas relações de poder, não há distinção entre sexo e gênero, pois corpo físico é sempre social (OYEWÙMÍ, 2021, p.42).

Passei a olhar então para a palavra mulheridade com atenção como possibilidade de caminho para construção de uma categoria não fixada, menos estável, encontrei esta principalmente em teorias *queer* e falas de mulheres travestis quanto sua falta de identificação com a categoria mulher.

Angela Davis em discurso realizado em 2013, na cidade de Chicago, conta sobre a resistência de identificação das mulheres pobres e/ou de minorias étnicas com o movimento feminista no final do século XX, justamente por expressar a categoria mulher enquanto mulheres brancas e burguesas. A luta passou em um primeiro momento à tentativa de que fossem abarcadas as que estavam de fora, posteriormente entendendo que a necessidade real era de recriar toda a categoria (DAVIS, 2018, p.92-93)

Muito antes dela, a ativista abolicionista Sojourner Truth perguntou “E não sou uma mulher?” em um discurso na *Women’s Rights Convention em Akron, Ohio, nos Estados Unidos, em 1851:*

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (TRUTH, 2014).

Ciente então sobre o que significava para essa pesquisa trazer a palavra mulher como construção colonial de hierarquias, e para caminhar com Tânia, e outras mulheres trans, travestis, negras, e com todas nós, busquei a possibilidades de fluidez, isto é, a necessidade de repensar a categoria e não o alargamento de sua significação para encaixe de outras formas fixas.

Ao fugir das generalizações e essencializações que restringem o que significa ser mulher, permaneci um pouco nas possibilidades de entendimento da palavra mulheridade, e aqui coloco como algo fluido, não fixado, que permite diversas formas de compreendermos a nós mesmas.

(...) percebo que essa militância lê e compreende que desde a teoria de gênero há muito tempo se criou o consenso de que o sujeito do feminismo não é o sujeito mulher, mas os corpos generificados e as relações de gênero atravessadas pelo poder. No entanto, na hora de abraçar os corpos das mulheres trans, alegam, por exemplo, que estas foram socializadas como homens desde criança e que desse ponto de vista não entendem a experiência de ser mulher. Quer dizer que, na militância desconstruímos os aprendizados sobre gênero para, de novo, assentar as bases de luta sobre uma visão essencialista do ser mulher (DÍAS-BENÍTEZ, 2020, p.279).

Estou falando, sim, de mulheres que se apresentam como mulheres, mas isso não as – nos - impede de questionar essa categoria e nos entendermos como mulheres-bixas, mulheres-viadas, mulheres-travestis, mulheres-trans, mulheres-cis, etc. Em síntese, há uma diversidade imensa.

E uma mulher é sempre uma mulher  
Nem sempre há um homem para uma mulher, mas há 10 mulheres para cada uma  
E uma e mais uma e mais uma e mais uma e mais outra mulher  
E outra mulher (e outra mulher)  
E outra mulher (e outra mulher)  
E outra mulher (e outra mulher)  
E outra mulher (e outra mulher)

É sempre uma mulher?  
É sempre uma mulher?  
É sempre uma mulher?  
É sempre uma mulher?

Ela tem cara de mulher  
Ela tem corpo de mulher



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

Ela tem jeito  
Tem bunda  
Tem peito  
E o pau de mulher!  
(QUEBRADA, Linn. Mulher. 2017).

Sigo usando a palavra mulher, entendendo como possuidora de muitas mulheridades, buscando fugir à universalização do que significa ser mulher, justamente pelo histórico da palavra em invisibilizar as mulheres negras, latinas, trans e travestis, por resistir nas tentativas de outros entendimentos menos rígidos.

### 5. Um bilhete no radinho de pilha

Escutar!

Está essencialmente foi uma pesquisa que desenvolvi sobre as formas de escutar, de narrar e possibilidades de escrita acadêmica que façam permanecer a escuta. Tânia desde o início inverteu a lógica e enquanto eu falava de escrita, das cartas, com ela na realidade eu sempre falava sobre escuta.

Escrever para ela sempre foi narrar. Apesar de meu processo ter sempre partido da escrita para a fala, eu notava o quanto modificava o tom o fato de gravar para ela minhas cartas.

Assim, Tânia trouxe para a pesquisa uma das questões mais importantes e, enquanto com as outras mulheres eu me preocupei com a recriação para escrita e debati as cartas como formato de escrita acadêmica, com ela segui pela oralidade e trago aqui a pergunta de como a escuta pode existir na pesquisa e na escrita da palavra falada.

É possível escutar esse texto ao lê-lo? É possível escutar voz da Tânia e minha e entende-las como escrita acadêmica?

Por meio da escuta de Tânia compreendi que a recriação do nosso encontro passava por como construímos no cotidiano nossa forma de trocar, e assim uma troca de áudios por *whatsapp* foi o formato escolhido no lugar da carta.

Por meio desses áudios Tânia rememora, construindo na fala uma narrativa sobre seu processo de formação como educadora, ou “formadora” como ela mesma diz, que passa por revisitar seu passado, compreender os espaços de coletividade como a família, e estabelecer relações entre o como se forma e o como propõe suas práticas pedagógicas.



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

### 6. Um convite no portão

Agora que estamos no portão, quase saindo de casa, é que olhamos naquela caixinha do correio, ou embaixo da porta, ou ainda dobrada e colocada entre as frestas, e que pegamos a carta, aquela que começo este texto.

É no final desta carta que você, pessoa leitora, descobre a possibilidade de escutar com a recriação final do que até aqui tentei contextualizar.

Para tanto, aqui compartilharei a criação a partir da escuta de Tânia Granussi, uma conversa realizada presencialmente e gravada, transformada em troca de áudios por *whatsapp*, como se nosso diálogo sempre estivesse mediado por essa plataforma que em outros momentos tanto usamos, no link ou QR Code a seguir é possível ouvir este exercício:

<https://on.soundcloud.com/V1FBo>



Abraços,

Diane Boda

### 7. Epílogo – Ou a carta que não chegou

Escrevo esta carta às vésperas de encerrar o prazo para entrega da versão corrigida deste texto. Ela é a resposta a uma sugestão encaminhada pela organização e que custei a materializar.

Em uma caixinha no canto direito da página havia um comentário carinhoso sobre ser gostoso ler este texto, - e aqui agradeço a generosidade -, e um pedido para saber mais deste encontro com a Tânia.

Como eu poderia falar de escuta e não tentar abraçar esse pedido de uma pessoa leitora?



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

Bom! Como já contei, acompanhei a Tânia ao longo de muitos meses no Programa Vocacional. Aprendi muito sobre teatro, educação, coordenação e pesquisa com essa mulher, bem como sobre gênero, desafios, vida e amor.

O convite para integrar a pesquisa foi durante um almoço no bairro paulistano do Bixiga, com frango caipira e vinho. Eu convidei, ela me devolveu um desafio/sugestão/metodologia de pesquisa: me encaminhou alguns telefones de pessoas que foram suas alunas e pediu que eu entendesse quem é a Tânia professora a partir delas.

Eu o fiz, mas em seguida desejei contar para ela as bonitezas que escutei e saber dela também, a partir de tudo isso, o que naquele momento ela desejava me apresentar de suas memórias.

Entrei na casa da Tânia numa tarde de verão, em meio a saudade, acidentes de percurso, cuidados e surpresas. Conheci seu apartamento, e um pouco mais dela, sentadas em seu sofá numa conversa absurdamente mais rápida do que as demais que fiz. Uma conversa rápida e com tanto conteúdo... Ficou evidente para mim que aquelas falas vinham tão organizadas porque eram resultados de anos de experiência e elaboração.

A prática e a teorização, a teoria a partir da experiência.

Pausa para saudar Paulo Freire e reparar em como seus ensinamentos atravessam a forma como nos constituímos enquanto educadoras-pesquisadoras.

Tânia Granussi, uma artista, mulher PCD visual de baixa visão, travesti, que aos cinquenta anos pode se apresentar enquanto quem é e deseja em um ambiente de trabalho e que constatou que isso pode ser uma estratégia pedagógica de aproximação, que ao lembrar sua trajetória aponta a ligação entre ser uma mulher travesti e a fala de tantas pessoas que passaram por ela dizendo que ela é uma professora que provoca o novo, que instiga a pensar fora dos padrões.

Mesmo sendo empurrada para “áreas de sombra” como ela mesma coloca, suas práticas enquanto educadora são intimamente ligadas ao como ela desenvolveu estratégias para viver em uma sociedade *cisheteronormativa*.

Hoje, dia 30 de agosto de 2023 enviei uma mensagem para Tânia perguntando como ela está. Novamente estamos no Programa Vocacional, porém em equipes diferentes e eu



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

senti sua falta em uma reunião nesta semana. Ela me respondeu que está sem voz, na Cracolândia, continuidades do trabalho que iniciou naquele 2021 em que nos conhecemos... Hoje ela faz a direção de um espetáculo na região.

De longe ouço sua voz calma que pontua muito bem cada frase que diz, com um muito de certeza, um pouco de mistério e, com uma risadinha guardada na boca fechada, vou encerrando finalmente este texto, com essa carta que se perdeu no caminho, palavras incertas como resposta a uma solicitação curiosa.

Beijos,

Diane Boda

### 8. Referências

CUSICANQUI, Silva Rivera. *Un mundo ch'ixi es posible: Ensayos desde um presente em crisis*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

\_\_\_\_\_. CUSICANQUI, Silvia Rivera. Experiencias de montaje creativo: de la historia oral a la imagen en movimiento ¿Quién escribe la historia oral? Chasqui. *Revista Latinoamericana de Comunicación*. Quito, n.120, p. 14-18, 2012.

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

DÍAS-BENÍTEZ, María. Muros e pontes no horizonte da prática feminista: uma reflexão. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.) *Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

EVARISTO, Conceição, MARTINS, Leda Maria. *Escrevivência, Oralitura: conversa com Conceição Evaristo e Leda Martins*. YouTube. 03 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GMse92ubeXY>. Acesso em 16 de jan. 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos / Paulo Freire*; organização e participação Ana Maria de Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.) *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.



# (Re)ocupar e (re)existir

## 9º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.) *Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cogobó, 2021.

\_\_\_\_\_. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras* nº 26, Língua e Literatura, Limites e Fronteiras. (2003). PERFORMANCES DA ORALITURA: CORPO, LUGAR DA MEMÓRIA. *Letras*, (26), p. 63–81.

OYEWÙMÍ, Oyèronké. *A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

QUEBRADA, Linn da. *blasFêmea - Mulher*. YouTube. 14 abr. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-50hUUG1Ppo>. Acesso em 16 jan. 2023.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

TRUTH, Sojourner, E não sou uma mulher? *Geledés*, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em 17 jan. 2023.